

7

112, 18  
50

NO FAUSTO DIA NATALICIO  
DO SERENISSIMO SENHOR

D. PEDRO,  
PRINCIPE DA BEIRA.

Dando o Senado de Lisboa hum sumptuoso Ban-  
quete, e pomposo Baile ás Triunfantes Tro-  
pas Lusitanas, Titulos, e Nobreza.

*DITHYRAMBO.*

OFFERECIDO

AO MESMO AUGUSTO SENHOR

POR

JOÃO ANTONIO NEVES ESTRELLA.



LISBOA,  
NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1814.

*Com Licença.*

„ . . . Per audaces nova dithyrambos  
„ Verba devolvit. „

Horat. Lib. IV. Od. II.

„ In verbis etiam tenuis, . . .  
. . . Licuit, semperque licebit . . .

*Musa dedit fidibus Divos, puerosque Deorum  
Et pugilem victorem & equum certamine primum,  
Et juvenum, curas, & libera vina referre.*

Horat. in Poëtic.

51  
AO SERENISSIMO SENHOR

D. PEDRO,

PRINCIPE DA BEIRA.

SONETO.

**P**ROLE de Affonso Henrique aos Lusos dada;  
Se hum Povo, que em victorias não contente  
De Neptuno pizando o azul tridente  
Jugo pôs a Nações de côr torrada :

Se a fogo, e a golpes de Mavorcia Espada  
Calca troféos, de louros cinge a frente;  
Derrota o Corso, e ao vasto Continente  
Exemplo erige em Lysia restaurada :

Se deo a Paz á Europa, a C'roa á França,  
Voltando á Patria, de hum tal Feito, e Gloria,  
Exulta Lysia em plácida Bonança :

Seja o Vosso Natal, Viva Memoria  
De taes Feitos; e Vós, Nossa Esperança,  
Adorno ao Luso Throno, e á Lusa Historia.

AO EXCELLENTE SENHOR

D. PEDRO,

PRINCIPLE DA BEIRA.

SONHETO.

P  
sora de Affonso Henrique nos Lusos d'ahi;  
Se havi hore, que em ynter os não conta  
De Napoléon piazão e agra tizido  
Logo pôs a Nação de cor tortada;

Se a lora e a fozes, de maver's fozes  
Laba mudo, de lora e mudo;  
E hore o lora, e no vato d'inheno  
Exemplo surge em lora mudo;

Se dos a Paz e Mudo, e Cruz e França,  
Ynter e Paris, de havi tal feito, e Otis,  
Exita lora em piazão mudo;

Se o Voto Natal, Vira Mudo;  
E os lora, e os lora, e os lora,  
Adorno os lora, e a lora mudo.

---

# A GLORIA DOS LUSOS.

## *DITHYRAMBO.*

---

**L**UCIDO Dia,  
 Que aos Lusos traz  
 Júbilo, gloria  
 Plácida Paz!  
 Fique em Memoria  
 Quanto nos dás.  
 De Affonso Estirpe,  
 O Fructo, o Abono  
 Que o Luso Throno  
 Ha de occupar;  
 Tranquillo o Sceptro  
 Ha de empunhar!  
 Presta-me o Nectar  
 Doce Lyéo!  
 Orna-me a Lyra

Grão Bassaréo  
 Alsa meu Canto  
 Bacchico ao Ceo!

Dos rubidos racimos pampinosos  
 Que doce mago filtro me embriaga!...  
 Como fazes Lyéo, teu gaz me eleve  
 Sobre o fulgente aligero Pégaso!...  
 Como da terra fôge ao longe o vulto!...  
 Eis o Reino da Luz! O eterno dia!...  
 Onde os límpidos Orbés,  
 Onde os Planetas coruscantes girão!...  
 Os Turbilhões em redemoinhos zúnem!...  
 Dos Deoses, esta a lúcida Morada!...  
 De Jóve a Corte, a ethéria mole immensa!  
 De Fébo trilha o fulgurante Còche

C'os rapidos Ethontes,  
 Com prizões diamantinas  
 Por siderias Campinas;  
 Pulando  
 Fumando  
 Sulcando o fulgor,  
 Nos Pólos retumba,  
 Trepida, rebumba  
 Quadriga estridor!  
 Envolto e os Vivas  
 Do Laso louvor!...

Fulmipotente Jóve! eis aureo Plaustro  
 Puxão possantes, corpollentas Aves!  
 Do povo aládo as rapidas Príncezas,

Que nas garras occultão  
Armas , que estrago , e espanto  
Morte resultão !

Na dextra a lança , e na sinistra empunhas  
O trisulco motor do horrido estrondo ;  
Vulcaneo invento , tripartida chamma ,  
Com que a Saturno destronou no Olympo ,  
E a Prole de Tytan no Ethna subjugas !...  
Tambem os Lusos , Jupiter , te imitão !...

Muralhas abálão  
Castellos estálão  
Quaes Furias  
Injurias  
Vingando-se tállão :  
Os Córscicos rallão  
C'o Marcio furor ,  
Trovejão  
Dardejão  
Nitroso fragor !...

Eis de Délio a laurígera Espessura  
Perenne Capitólio  
De Excelsos Grandes Vates ,  
Onde residem da Memoria as Filhas !...  
Alado Bruto  
Repousa o vòo ;  
As pandas plumas  
Rápido encolhe.  
Meu Estro rude ,  
Meus sêcos labios  
Limfa dos sabios  
Cumpre que mólhe !

Seus Dons, o Nume  
 Me dá; não tolhe!...  
 D'inclitos Lusos  
 Bellica Glória  
 Célebre Historia  
 Canta Lenêo!  
 Eis quem as Hóstes  
 Gállias venceu;  
 Córscicos ferros,  
 Jugo rompeu!  
 Líba-me a Táça  
 Mago Lyêo!...

De lúcidas columnas circumdado  
 Eis do Destino, e da Memoria o Templo!...  
 Da Illustre Gloria Monumento eterno!...  
 Iman que attrahe; estímulo que excita  
 Heroicas Almas, a Heroicos Feitos;  
 Do Mérito, Virtude, da Honra o Premio!...  
 Sobre Altares, milhões de rutilantes  
 Vultos que scintilantes  
 Triunfantes  
 Derão honrôsa illustre fama ao Téjo  
 A quem respeita o Mundo, o Tempo, o Fádo!...  
 Em auri-rosio diamantino Throno  
 Sentada eis vejo, eis vejo!  
 A Lusa Monarquia  
 Dictando Leis ao Nylo, Hydaspe, ao Ganges.  
 D'Aurora ao Reino: Do povoado Mundo  
 Tributárias Nações a frente inclinão!...  
 Salve sagrada Estirpe á Lusa Próle!...



Recebe , acceita ,  
 Dos fortes Lusos  
 Recente Gloria  
 Que nunca vira  
 Do Mundo a Historia! . . .

Exulta fertil Mãi de Heroicos Peitos! . . .  
 Eis os Valentes denodados Lusos ,  
 Que a fogo , e a golpes de Mavorcia Espada  
 Destróção Galias Hostes

Rompem do jugo os vergonhosos ferros ;  
 Calcão do Corso as famulentas Aguias ,  
 Com pezo immenso dos troféos curvados ,  
 Com jubilo , e prazer á Patria voltão  
 Deixando dos Bourbons tranquillo o Throno! . .

Eis os Valentes Campiões , que derão  
 A Paz á Iberia , á França , á Európa , ao Mundo!  
 Eis o exemplo em Lysia restaurada ,  
 Que a Alexandre pungio á Heroica inveja ,  
 E convocando o vasto Continente

Em Moscow em Leipsick a Força Unida  
 Destróe do Corso Exercitos , que avultão! . . .  
 Exulta oh Lysia , oh Mãi ! recebe oh Patria !  
 Os de Bellona , e de Mavorte Alumnos! . . .  
 Alumnos disse! . . . Equivoquei-me , oh Numes ;  
 Assombro , e Pasma de Bellona , e Marte!

Eis quem meréce as honras do Triunfo ,  
 Não só em *Vivas , Palmas , Bailes , Brindes* ,  
 Em Arcos , em Pyramides , que ao Mundo  
 São de hum tal Feito Monumento eterno.  
 Se os Nunos , os Almeidas , Albuquerquees ,  
 Os Pachecos Peçeiros , Castro forte ,  
 E outros que zombão do poder da Morte  
 Conquistarão Nações do vasto Mundo ;

Salvar a Patria do tyranno jugo  
 Calcar do Corso aguerridas Cohortes  
 Escalar Torres , perseguir Falanges  
 Até ao centro da Bronzinea França  
 He Feito digno de mais Gloria , e Premio! . . .

Eis quem as Hostes

Gállias venceo

Rigido a golpes

Jugo rompêo

Dá-me teu Filtro

Mágo Lyêo ! . . .

Eis quem foi de Jounot , Loison , Macena ,  
 De Sout , Marmont , e d'outros prompto estrago  
 De cujo inda recentes os louvores  
 Das brávas Hóstes dos *Britanos-Lusos*  
 Da Grão Victoria nos Vimeiros Campos  
 „ *Viva o Principe Luso* „ O Ceo rebumba  
 Dos Vigas o fragor , o écco retumba ! . . .  
 „ *Viva , Jorge* , que undivagas Cidades

Montanhas volantes

Possantes

Prestantes

Com Bellicas Tropas ,

Que aos Lusos se ligã

Intrigão

Impávidas brigão

Com Marcio furor

Cohortes rompêrão

Do Corso Traidor !

Que ao fuzilar do estrepitoso Nitro

Dos Cávos Bronzes vomitando raios  
 D'horridas Bombas retumbando o estrondo ;  
 Por entre nuvens de enrolado fumo  
 Envolto em Gálias ávidas entranhas  
 Exangues braços , palpitantes vultos  
 Que tolda a Esphera , a Fébea luz occulta ,  
 Ao som horrível dos trovões de Marte ,  
 „ *Viva o Principe Luso* „ O Orbe trôa ! . . .  
 Eis dos Corsos terror ; o Estrago , a Morte ! . .  
 Quem dos Gallos Legiões mandou a Pluto ! . . .  
 Eis os *Vivas* troando em Albuhera !  
 Em Rodrigo , no Douro , em Salamanca  
 Em Badajoz ! Em Lysia , Ibéria , em França !  
 Qual o Eléctrico invento fulminante  
 Veloz sacode igníferas sentelhas ;  
 A Grão Victoria da immortal Vimeiro  
 Communica-se á Iberia , á Europa , ao Mundo !  
 Dos vivas o fragor o écco trôa !

Em toda a parte  
 Os Lusos Peitos  
 Hum só que seja  
 Déstro em peleja  
 Troveja  
 Dardeja  
 Qual Jóve  
 Qual Marte !  
 Bélicos , hórridos  
 Ríspidos , rábidos  
 Rígidos , Inclytos  
 Guerrêão  
 Golpêão  
 Cohórtes  
 Fallanges

Do Corso Traidor :

Que tímidas

Pávidas

Languidas

Túrbidas

Trémulas fogem

Qual rápido Assôr!

Eis correm! . . .

Eis morrem

Em Fuentes d'Honor! . . .

Darreja

Troveja

O Luso fragor! . . .

Ao trepidante convulsivo estrondo

Que em concavas abobadas retumba

Pelos celestes lúcidos Palacios

Illustre emulação, gloriosa audacia

Excita em vivos luminosos vultos! . . .

Juntão-se Heroes com fúlgidos Diademas,

( Prôle dos Deoses que na Historia avultão! )

Por ver a Lusa Gloria! . . .

Rouca trémula voz dizer se escuta! . . .

„ Remidores sois vós do Luso Throno,

„ Povo Heroico, d'Henrique á Prole dado

„ Pelo Numen Eterno

„ Nas Ouriqueas Campinas,

„ Que em victorias immensas não contente

„ De Neptuno pizando undosos Campos

„ O jugo pôz a mil Nações longevas.

„ Terror dos Gallos soes; da Europa Numes.

„ Emmudeça o Romana, a Grega Historia!

„ Dignos soes de mais Gloria!  
 „ A vós se erija hum Templo  
 „ Onde fiqueis exemplo  
 „ Aos tardos Póvos dos futuros E'vos  
 „ Cingindo a Frente  
 „ De Laurea Rama  
 „ De Gente , em Gente  
 „ Por bocas cento do Clarim dourado  
 „ Eterno sôe o brado  
 „ Da Lusa alegria  
 „ Venere-se o Dia ,  
 „ Triunfo , e victoria  
 „ Que fez transitoria  
 „ Do Corso a traição  
 „ Nos Fastos futuros  
 „ Opacos escuros  
 „ O Mundo vos veja ,  
 „ Não tendes de Heytores ,  
 „ De Achilles inveja ;  
 „ O Stema arvorando  
 „ No Luso Pendão  
 „ Espada empunhando  
 „ A C'róa pizando  
 „ De Napoleão !  
 „ Remidores sois vós da Patria , e Throno “  
 Eis quem as Hóstes  
 Galias venceu  
 Rigido a golpes  
 Jujo rompêo  
 Dá-me teu Filtro  
 Mágo Lyéo ! . . .

Se o Luso Imperio  
 Lysias ergueo  
 He Lusa Prole.  
 Estirpe Lyéo !  
 Vivão os Lusos  
 Grão Bassaréo ! . . .

As Nereides , e as Tagides mimosas  
 Já precedem a Thetis , e Amphitrite ! . . .  
 As Dryades , Oreades , Napêas  
 Hamadryades , Naydes ; mil Corêas  
 Vem diante da Deosa casta , e linda ,  
 Que punio de Aristêo o incauto filho  
 Porque a vira banhar na limfa pura ,  
 (E não se lembra Cinthia , que descia  
 Pela alta noite do argentino Carro ,  
 E furtivos prazeres desfructava  
 De Endimião formoso em somno eterno ! )  
 Da Cypria Deosa a Concha , nivas Pombas  
 Puxão ; e Amor com Esquadrões d'Amores  
 No Sallão destinado ; Illustre Baille  
 C'o as meigas Ninfas enlaçando os Lusos  
 Ternos requebros , Arcos , Alamandras ,  
 Mágicas , Balsas ! . . . (Eloquencia muda  
 Que terno , e meigo torna , o torvo Marte)  
 Cruzão , quaes frechas pelo ar , suspiros ! . . .  
 E ao som dos attractivos instrumentos  
 Dos Musicos accents  
 Com que Orpheo , e Amphião tudo encantavão  
 (Que ao som da vóz , e Lyra  
 De Pluto os Males na Região cessarão  
 De Thebas a Cidade se erigira ; )  
 Sórvem-se doces congollados fructos ,  
 Suavissimos licores ,

Néctar que o mesmo Jóve líba , e gosta !

De Thetis , e Pelêo nas faustas Nupcias  
Não fôra tão pomposo , o Brinde , o Baile ,  
Qual aos Lusos off'rece a Patria , o Throno !  
Não rolles , não , Discordia , e aureo pômo ,  
Suspeito , sim , que Venus preterida

Ficára no Monte Ida  
Se Páris avistára  
Das Tágides fôrmosas  
O Divinal semblantê ;  
Então rendido Amante

Hum pômo , não , mil pômos , lhe entregára !

As Bassareides Nymfas , adornadas  
As frentes , com racimos pampinosos  
Co'as Taças cheias do licôr sanguineo  
Fôrma festivo côro , salta , e grita ! . . .

De oppiparos Manjares opprimidas  
Immensas lautas Mezas d'outro lado  
Do expleudido Banquete se divisão  
Onde tostadas victimas fumando

Em profusa abundancia  
São fragrante lisonja dos sentidos . . .

Do Estro altiloco a Forja accende o Nume

Na Appolinia Bigorna  
Os Delficos martélos retinindo ;  
Pelas concavas gruttas do Permêso

- Eccos respondem
- Mélicos Hymnos
- Pindáricos
- Saphycos
- Epicos
- Bácchicos

Que as Pierides, urdem, técem, ligão  
Sonoras !

Appóllo entôa, e fere Aonia Lyra,  
E doce encanto nos Heróes inspira  
O Mago filtro do immortal idioma;

Que aos futuros assôma;

Linguagem perenne

De Heroicos Feitos;

Invicta Gloria

Dos Lusos Peitos;

Que o Muudo, e a sorte

Hão respeitar :

Viva Memoria

Eterno Grito

Que nem o Fado.

Saturno annoso

Nem Tempo iroso

Podem tragar !

Eis a Celeste Côrte unida aos Lusos !

Os vitrios aureos côpos empunhando

Libando o Nectar que Lyéo faculta

De mil côres, sabor, encanto, e luxo

Que o Lauto Brinde adorna

Ao som da Mâga orchestra

Que as Almas arrebatã

„Viva o Principe Luso (os côpos sôão)

„Viva do Throno Luso a Estirpe e a Próle,

„Viva a Lusa Regencia em Paz eterna !

„Vivão Lusos que a Patria libertárão !

„Viva Lysia da Ibéria, e Europa Exemplo !

„Viva Jorge, e as Nações ao Luso unidas ! ... „



De mil vozes o alegre „Viva,, „Viva,,  
Pelos immersos Orbes sóa , e trôa ! . . .

Eis , quem as Hostes  
Gallias vencem  
Rigido a Golpes  
Jugo rompeo !  
Liba-me a Taça  
Mágo Lyéo !

C'o a polvora , que atacas nas Botelhas  
Em fulgidas sentelhas  
Bácchicos tiros c'o as rangentes rolhas  
Salta o licôr em Bolhas ? . . .

Férvido espuma , Calices trasborda  
O Madido elixir , o Nectar doce ! . . .  
Eis de Mavorte os fulminantes Bronzes  
Salva Real tres vezes repetindo ;  
E os cópos retinindo ;  
A' lucida Assembléa

Grita Lyéo „A l'Arma , a l'Arma , aos Vivas  
„Do Principe ao Dia.  
„Dos Lusos á Gloria  
„Perpétua Memoria  
„Perenne alegria  
„Nos Fástos da Historia  
„Lhe vamos gravar ! . . .  
„A l'Arma ; crepíte  
„O Nectar nas Taças  
„No aurico Téjo  
„Predure o Festejo  
„Cupidos, e Graças  
„As Nymfas, os Numes  
„Esparzão perfumes  
„Nos orbes, na terra

„Os Numes da Guerra  
 „No Olympo, no Mar  
 „Os Hymnos  
 „Divinos  
 „Do Luso louvor ;  
 „Rebumbem  
 „Retumbem  
 C'o Marcio fragor.

## F I M.